



A LITERATURA POPULAR EM AULAS DE LINGUA PORTUGUESA: UMA EXPERIÊNCIA COM O CORDEL

Marcionila Maria de Oliveira (1); Nilson de Sousa Rutizat (1); Sayonara Cristina da Silva Figueiredo (2); Lúcia de Fátima Lunguinho de Oliveira (3)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, marcionilamari@yahoo.com.br, sayonaracristina2003@hotmail.com, brasilalemo@gmail.com, lucialunguinho3@gmail.com.

Resumo: A literatura de cordel conquista a atenção pelo fato de carregar consigo uma das variantes linguísticas que se faz presente no discurso do homem nordestino/camponês, bem como a ausência dessa literatura nos livros didáticos e, conseqüentemente em sala de aula. Assim, este artigo tem como objetivo refletir a importância da literatura popular – cordel – na formação do aluno como leitor crítico, uma vez que essa literatura se encontra inserida no próprio cotidiano dos estudantes. Nessa perspectiva, buscou-se embasamento teórico nos seguintes estudiosos: Melo (1982) e Luyten (1992) que abordam desde a importância do ensino dos gêneros textuais até a literatura popular em sala de aula. Utilizamos o método qualitativo no desenvolvimento deste artigo, com revisão bibliográfica sobre o tema, e analisamos o trabalho desenvolvido pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na turma de 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Batista Leite, localizada na cidade de Sousa-PB. O trabalho consistiu na abordagem do cordel em aulas de Língua Portuguesa no ano de 2015, através do livro “Dez cordéis num cordel só”, de Antonio Francisco publicado em 2012. Foi possível perceber maior envolvimento dos alunos nas atividades desenvolvidas com o cordel, bem como no interesse pelo texto literário e no desenvolvimento da oralidade e da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura popular, Cordel, Ensino.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu durante observações nas aulas de Língua Portuguesa para elaboração de um projeto de leitura no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), durante as observações percebeu-se que o cordel não era abordado nas aulas de literatura e quando questionamos os alunos sobre esse gênero eles sabiam pouco ou quase nada sobre essa literatura popular.

Consultamos, então, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para orientação na construção do projeto de leitura. Na consulta ao documento, uma das questões que nos chamou a



atenção foi a maneira simplificada que os PCN tratam a literatura de cordel ao classificá-la apenas como um gênero oral, deixando de lado os fatores discursivos, as vozes sociais presentes nos textos, sua composição e o estilo. Com isso, delimita-se o trabalho pedagógico e, ao mesmo tempo, a reflexão do aluno no tocante à discussão e compreensão sobre os discursos literários populares.

A partir desse problema, este artigo tem como objetivo refletir a importância da literatura popular – cordel – na formação do aluno como leitor crítico, uma vez que essa literatura se encontra inserida no próprio cotidiano dos estudantes. E que mesmo fazendo parte da cultura do aluno, ainda é desconhecida e pouco trabalhada no contexto escolar.

Para tanto, utilizaremos o método qualitativo, com revisão bibliográfica sobre o tema, e analisamos o trabalho desenvolvido pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na turma de 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Batista Leite, localizada na cidade de Sousa-PB. O trabalho consistiu na abordagem do cordel em aulas de Língua Portuguesa no ano de 2015, através do livro “Dez cordéis num cordel só”, de Antonio Francisco publicado em 2012.

Nessas circunstâncias, o presente artigo possui a seguinte ordem: Inicialmente, buscaremos entender a literatura de cordel a partir de trabalhos de estudiosos sobre o tema; em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada na construção deste trabalho e, por fim, analisaremos o trabalho com o cordel, desenvolvido na turma de 7º ano do Ensino Fundamental.

O CORDEL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO

O princípio da Literatura de Cordel está ligado à divulgação de histórias tradicionais que tratam de narrativas de tempos passados conservados e transmitidos por meio da memória popular; “são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas, de guerras ou viagens ou conquistas marítimas” (DIÉGUES JR, 1977, p.3).

O autor acima citado, ainda afirma que o nome de literatura de cordel vem de Portugal e os folhetos eram presos por meio de um pequeno cordel ou barbante, sendo expostos nas casas em que eram comercializados. Pode-se acrescentar que esse tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, vínculo criado por que se apresenta como romances em poesia e o tipo de narração que descreve.

A literatura de cordel no nordeste tem raízes lusitanas, pois foi trazida pelo romanceiro peninsular, divulgado entre os séculos XVI e XVII. Isso não quer dizer que o romanceiro por nós



recebido é exclusivamente lusitano porque persistem ainda hoje alguns traços de origem espanhola, versos que correspondiam ao português na literatura de cordel.

A denominação de literatura de cordel dada por Portugal é folhas volantes, o correspondente a pliegos sueltos, denominação dada pela Espanha. Constitui-se na formação desse tipo de poesia popular a influência Ibérica originada do velho romanceiro popular, do costume de contar histórias em círculos familiares. Contudo, essa manifestação não ficou compreendida apenas no Brasil, expandiu-se por outros países latino-americanos, embora, com algumas distinções, pois cada país tem sua própria cultura e diferenças.

No Brasil, a literatura de cordel teve maior espaço no Nordeste, por dois motivos: primeiro as condições étnicas, a longa convivência mantida entre o português e o escravo africano também propiciaram uma troca de influência; segundo, o próprio ambiente social também fornecia condições propícias para o surgimento dessa forma de comunicação literária.

Além disso, a expansão da poesia popular se dava por cantorias em grupo e de forma escrita. Esse tipo de manifestação cultural se desenvolveu e se difundiu, tomando características próprias, tendo por base as condições sociais de formação do Nordeste. Mário de Andrade (apud DIÉGUES JR, 1977, p.6) assinala que em outras regiões do Brasil se publicava de vez em quando um ou outro folheto ou cantiga, mas acrescentou “no geral coisa lírica, de pura fantasia, sem nenhum valor técnico”.

Diante dessa discussão, Melo (1982) nos chama a atenção para o fato de, apesar de esta arte ter tido forte adaptação na região, onde serviu de instrumento de educação e informação, é perceptível a falta de literatura popular no contexto teórico e metodológico escolar, ressaltando o preconceito no espaço didático, pedagógico, livros e salas de aula, pois, não encontra lugar nem nas aulas de literatura, nem tampouco no trabalho com leitura e interpretação textual, a sua presença só é sentida quando surge o interesse de algum estudioso ou estudiosa em projetos e monografias.

Percebe-se, a partir da colocação da autora, que o cordel sofre o desprestígio de pertencer a cultura popular, no entanto, trabalhar o cordel em sala de aula pode ser muito interessante, uma vez que esse gênero aborda temas de conhecimento dos alunos trata esses temas de forma simples e humorada.

A respeito da supressão de gêneros no ensino de Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) orienta que a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma "certa" de falar; a que se parece com a escrita, sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele fale errado.



A literatura de cordel vai além da imitação da oralidade, mesmo partindo dessa, Luyten (1992) diz que a literatura de cordel, ao longo dos anos sofreu mudança, não na sua estrutura, mas sim na essência. Antigamente, ela era portadora de anseios de paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora de outras coisas, de reivindicações de cunho social e político.

Assim, o professor pode fazer essa comparação na abordagem da literatura de cordel em sala de aula apresentando, inclusive, o contexto histórico de produção desses textos para que o aluno possa entender a função dessa literatura no decorrer da história.

METODOLOGIA

Pesquisa caracteriza-se como qualitativa. A expressão "pesquisa qualitativa" assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Segundo Maanen (1979), esse tipo de pesquisa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Desse modo, foi feito um levantamento bibliográfico para fundamentação teórica do trabalho, além disso, fizemos análise do trabalho com o cordel na turma do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Batista Leite.

O CODEL EM SALA DE AULA

O trabalho com o cordel surgiu a partir da observação em aulas de Língua Portuguesa feita pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), observamos a ausência da literatura popular durante as aulas de literatura. Na construção do projeto “O sertão sob versos e prosas: da literatura clássica à popular” contemplamos o cordel para ser trabalhado na turma do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Batista Leite, no ano de 2015.

O livro contemplado para se trabalhar o cordel nessa turma foi “Dez cordéis num cordel só”, do poeta potiguar Antonio Francisco, publicado em 2012. O cordel foi contemplado por sua ausência quase total no ensino de literatura, mas não apenas por isso, como bem coloca Melo (1982) essas criações artísticas de ordem popular, em especial o cordel, pelo seu imprevisto da imaginação,



pela delicadeza da sensibilidade, pelo poder de observação, pela força de expressão, pela intuição poética, pelo arrojo das imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresenta, estão a exigir a atenção.

Assim, em nossa primeira oficina na turma buscamos aproximar o aluno desse gênero, para isso, apresentamos o cordel “Os sete constituintes” ou “Os animais tem razão”, do poeta Antônio Francisco, de forma lúdica, como pode ser visto na figura I, em que os bolsistas aparecem caracterizados de animais e fazem a leitura do cordel em voz alta e de forma dramatizada, chamando a atenção da turma para as características do cordel, descrita pela autora acima citada.

Figura I – Leitura do cordel “Os sete constituintes”, de Antônio Francisco



Fonte: A Pesquisa.

Dado esse primeiro momento, foi feita uma oficina sobre a origem do cordel e sua história no nordeste, pois de acordo com o PCN (1997) é fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens de diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional.



Dessa forma, buscamos aproximar o aluno do cordel, uma vez que essa literatura faz parte da cultura regional desses estudantes e como ressaltou o PCN, é fundamental que a escola assuma a valorização de seu próprio grupo. Ao trazer o cordel para as aulas de Língua Portuguesa, consideramos que a escola está assumindo esse papel de valorizar a cultura regional. E essa valorização deve partir do saber, assim, na sequência do nosso projeto, propomos aos alunos a produção de cordéis para apresentação à turma.

Dividimos a turma em grupo e proporcionamos a eles oficinas de escrita de cordel, no objetivo de instiga-los a produzi seus próprios versos. Partimos do cordel “Os sete constituintes” ou “Os animais tem razão”, do poeta Antônio Francisco, lido na turma, para iniciar nossas produções, na figura II, pode-se observar os alunos produzindo seus cordéis. Para o desenvolvimento dessas atividades nos orientamos nos PCN (1997), que diz que o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Figura II – Oficina de escrita de cordéis



Fonte: A Pesquisa.

Após as oficinas de escritas, os alunos apresentaram seus trabalhos para a turma. Eles produziram seus versos e, também, ilustraram os cartazes em que os versos foram escritos. A ilustração foi considerada, uma vez que é preciso manter o lúdico nessas atividades. E ao ilustrar o aluno percebe a atividade de escrita como algo prazeroso e divertido. Com a apresentação dos cordéis dos alunos, visto na figura III, encerramos o projeto na escola.

Figura III – Apresentação dos alunos de seus cordéis



Fonte: A Pesquisa.

CONCLUSÃO

Diante das discussões aqui traçadas percebemos que é responsabilidade da escola proporcionar aos seus alunos o saber sobre a cultura brasileira e a cultura regional, sempre instigando eles a refletirem sobre a necessidade de valorização e de respeito a essas culturas, que envolve crenças, religiosidades, poesias, músicas, etc.

Assim, neste artigo, buscamos conhecer um pouco da história da literatura de cordel no Brasil e, principalmente, no nordeste, tal como, a inserção dessa literatura na escola. Vimos, por exemplo, que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais defendem a diversidade cultural e literária na escola, inclusive, a valorização de manifestações culturais regionais, no caso do nordeste, entre muitas outras, o cordel.

Dessa forma, apresentamos aqui uma experiência com o cordel em aulas de Língua Portuguesa, em que percebemos grande contribuição desse gênero nas habilidades de leitura e escrita dos alunos envolvidos. A abordagem lúdica do cordel proporcionou aos alunos um momento de aprendizagem significativa, já que eles, além de lerem os textos produziram, também, seus próprios versos.



Ressaltamos, portanto, a responsabilidade da escola em proporcionar a seus alunos atividades de aprendizagem significativas com o cordel e outros gêneros textuais, pois o aluno, para exercer sua cidadania de forma satisfatória precisa ter domínio da leitura e da escrita, o que envolve muitos gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria de Educação. Brasília: MEC, 1997.

DIÉGUES JR, Manuel. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5 ed. São Paula: Brasiliense, 1992.

MAANEN, John Van. **Reclaiming qualitative methods for organizational research**: a preface, In Administrative Science Quarterly, vol. 24, no. 4, December 1979.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais**. IN: LOPES Ribamar. (org.). Literatura de Cordel: antologia. Fortaleza: BNB, 1982.